

Quatro poemas de Ruy Fausto

*Professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP. Professor
Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
USP. Professor aposentado da Universidade de Paris VIII*

discurso 39

O Maestro

Campanile, Campanile.

Nosso mestre de música.

Dera aulas em colégio,
“mas os alunos faziam muita poeira”.

Estava certo de que o nomeariam regente
da orquestra sinfônica da recém-fundada
radio F., mas o diretor da emissora, um “amigo da onça”,
que depois morreu num desastre de avião,
preferiu o L., aquele “barbeiro” [o maestro L.] que “não
entende nada de música”.

Odiava partituras facilitadas.
No que tinha razão.
Não gostava de música popular
Parece,
mas também escrevia valsas.
Não gostava de música
tocada de ouvido.
No que tinha menos razão.

As valsas seriam melhores
sem o letrista
que escolheu,
um poetastro de
rimas patrióticas

“pátria amada” e
“querida idolatrada”

(um dia pus
uma vulgar letra
de amor, a valsa
ficou razoável).

Escrevia suítes,
serenatas.
Provavelmente
seria capaz
de escrever
sinfonias,
concertos,
se é que nunca
o fez. Mas
não era bom
compositor.

Ele não estaria
de acordo.
“Villa-Lobos?
Faz propaganda.”

Regia orquestra,
estudara na Itália.
Era violinista,
mas como “maestro”
também dava aulas
de canto, de piano
e de outros instrumentos.

Tinha desgraça na família.

Alunos talentosos
passavam por ele
um tempo,
tocavam em audições,
mas acabavam indo embora
Campanile ia ouvi-los,
já famosos.
Voltava decepcionado
(ou confortado):
“Não é...
não é mais o que era...”

Tivera, claro,
um aluno de gênio,
violinista,
que não o abandonara,
o qual,
claro,
morrera jovem,
de tifo.

Moribundo,
As fábricas apitavam
na madrugada paulistana
dos anos 30,
Uuuuuu...
“Que nota é esta?”
“Si bemol”,
disse o *mourant*,
“si bemol”.

O Maestro
trocava todos

os nomes,
Kubitschek
virara
Kubitschaldi,
Garcez era
Garcia.
Os alunos
japoneses
(tinha vários)
ganhavam nomes
aproximativos.
Sijeru virava
Sirigu...

Vivia angustiado,
e não só por
não ser reconhecido.

Tinha a mania (?)
de que lhe haviam
roubado.

Roubado composições,
às vezes (até o chofer
do caminhão da mudança).
“Mas ele entende de música,
Maestro?”, “Parece que
Entende”.

O maestro N
(um outro maestro,
regente da orquestra...),
que tinha uma fábrica
de ventosas,

lhe teria roubado
“o violino”...

E havia
também os que lhe
havam roubado
documentos.

(Por que diabos
alguém havia de
lhe roubar documentos?)
“Roubou... o ‘militar’
o ‘nascimento’, o...
“Justamente... eu não
digo nada”.
“Justamente” era a sua
palavra-chave.

Também tinha
a certeza de
que a todos os
seus alunos,
estava reservado
um grande futuro.

“Seu P., seu P., tz, tz, ...
– chamava
todos de “Seu” – “se não
tivesse largado o piano,
hoje estaria comigo
na Europa”.

Porém, mesmo
se abandonado

o piano,
o futuro
não se fechara:
“... volta..., volta a estudar
depois dos trinta anos...,
como Paderevsky,
como Paderevsky”.

Paderevsky,
a Europa,
a glória
para o maestro,
e para os seus alunos.

Quando éramos menores,
vinha dar aula
em casa,
chapéu panamá,
elegante.
Meu pai
algumas vezes
encontrava com ele.
Perguntado, dizia:
“Vai bem, vai
bem”, dizia sempre,
do que fazia piano
(no início havia
dois pianistas),
era um pouco
mais crítico
com o irmão
que fazia violino
(o primo era também aluno
dele, mas nunca teve

aulas de violino em casa).

Às vezes,
quando chegava,
fazíamos
coisas estranhas:
vínhamos de
uma volta de
bicicleta a motor,
ou jogávamos pingue-pongue
na garagem.

“Fazendo ginástica”,
comentava
– mais do que
ninguém, confirmava
uma lei semântica de substituição
da espécie pelo gênero –
ou então (vendo um de nós
na bicicleta): “Larga
isso, que é perigoso,
vai estudar violino...”

Um dia, esqueci uma partitura
de Zequinha de Abreu, numa das poltronas
da sala de visitas, onde ele dava as aulas.
Era um *ragtime* brasileiro, que
vinha do tempo da minha mãe (esta, parece,
estudara piano, depois dos trinta).

“O que é isto,
o que é isto?”
Campanile
entrou em

parafuso.

Dei não sei qual desculpa
e ele se acalmou. Ah, se
soubesse que certos discípulos
iconoclastas tocavam sambas
de ouvido.

Mais tarde,
íamos à casa dele,
eu e meu irmão
violinista.
Meu irmão
com o violino
Eu com a pasta
de músicas.
A casa ficava
na Vila Mariana.

(Passávamos,
me lembro,
pela Vila Kyrial.)

O bonde,
a caminhada.
Um dia
um bêbado,
ao ver a caixa
de violino,
começou a imitar
um violinista
em concerto.

Depois a aula,

a tensão,
enquanto a
voz do Maestro ia
esquentando
porque meu irmão
não estudara
o suficiente.
“Que está fazendo,
que está fazendo?”
Meu irmão à beira
das lágrimas.
Felizmente, chegava
a mulher do Maestro,
com o café.

Comigo era
menos tenso,
talvez porque
o Maestro não era
pianista.
Às vezes sentava
ao piano, para
mostrar os
acordes ou a
sonoridade, mas
ia muito lentamente
procurando as notas.

Campanile, Campanile
(o Campa, como o
chamávamos),
ícone
dos humilhados e
ofendidos,

dos derrotados
no mundo,
dos derrotados geniais
como dos que
não tinham
gênio.

Campanile,
sorte madrasta,
mundo injusto,
(alguma
loucura).

Campanile, Campanile
teus discípulos degenerados,
que tocam *ragtimes*
com partitura
ou sem partitura,

teus discípulos
desencaminhados
que não voltaram
aos trinta anos,
nem fizeram “*tournées*”
vitoriosas
do outro lado do mundo,

os que
tocam
de ouvido
ou por música
Jelly Roll
ou Pixinguinha,
mais algum

Bethoven
sem brilho,

teus discípulos
que,
moribundos,
não seriam capazes
de reconhecer o
si bemol, porque
lhes falta
ouvido absoluto,
senão relativo
(por isso mesmo
não morreram
de tifo),

que não voltaram
(alguns não se foram),
mas nem por isso
esqueceram,
prestam-te
aqui
enfim,

esta quase
homenagem.

(janeiro de 2009)

Lições de Ética

Wittenberg
Königsberg
Kansas City
(ou Abilene)

O protestantismo *light*
do colégio

A lei moral
de Kant

Os *westerns*.
(Gary Cooper
ou James Stewart,
mais do que
John Wayne)

* * *

– Eles andam dizendo
que são cristãos...
– Não importa. Quem
não está contra nós,
está conosco.

– Não há nada que se possa
pensar no mundo
como absolutamente bom,

senão uma boa vontade.

– Mas Você tinha

aceito fugir...

– É. Mas eu estava

cansado. E quando

a gente está cansado

diz tolices...

– Com quantos

homens podemos

contar?

– Só comigo e com Você...

– Só eu e Você ? Mas

então seremos massacrados...

– Obrigado por ter vindo, S.

Volte para casa.

* * *

Oak Ridge.

Qólehéth:

“nada de novo sob o sol”.

Música de *Shane*, ao fundo.

“O recurso de Kant e da poesia”

(março/novembro de 2009)

Cantiga de Desamor

Beijos efêmeros
de últimas noites

gestos obscuros,
desejos partidos

jogos de desamor.

“Meio-dia da vida”.
Bênção dos deuses:
“je n’aime plus”.

(setembro de 2009/novembro de 2009)

“A Friday Date”

Na sexta nos encontramos,
Os corpos se reconhecem,
Mas há lugar para as almas.

Cotovelo no braço.
Como foram esses três meses?
Viagens? Amores?

Feliz em ouvir tua voz.
Mais feliz em tocar no teu
braço, com o cotovelo.

Conversa estirada:
histórias, tragédias, ...
Quando iremos ao teatro?

Beijo na boca
prenúncios de cama
“I’ll be so happy
from Friday on”.

(quinta-feira, 10 de setembro de 2009/dezembro de 2009)